

REINVENTANDO O TERRITÓRIO: TRADIÇÃO E MUDANÇA NA REGIÃO DO SISAL – BAHIA

Sylvio Bandeira de Mello e Silva
Doutor em Geografia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador – UNIFACS e do Mestrado em Geografia da UFBA. Pesquisador do CNPq. sylvio.bandeira@unifacs.br

Barbara-Christine Nentwig Silva
Doutora em Geografia. Professora do Departamento de Geografia e do Mestrado em Geografia da UFBA. Pesquisadora do CNPq. barbarac@ufba.br

O Sertão tem tudo que se precisa. Se faltar a gente inventa.
(APAEB)

RESUMO

REINVENTANDO O TERRITÓRIO: TRADIÇÃO E MUDANÇA NA RE- GIÃO DO SISAL – BAHIA

Tomando como base o conceito de território como uma área que expressa determinadas relações sócio-econômicas, culturais e políticas, com características de identidade e coesão e com formas organizacionais específicas, o trabalho analisa uma região tradicional que passa por profundas transformações. Com efeito, a região do sisal, no Sertão semi-árido da Bahia, começa a se transformar em 1980, de forma endógena, com a criação da Associação dos Pequenos Agricultores do Município de Valente – APAEB. A Associação, inicialmente, passou a comprar e vender o sisal dos produtores, eliminando os intermediários, e instalou máquinas para o beneficiamento do sisal. Em seguida, implantou uma fábrica para produzir tapetes e carpetes de sisal e passou a apoiar a ovinocaprino-cultura, inclusive com financiamento e difusão tecnológica. A APAEB também difundiu novas técnicas de convivência com a seca, a energia solar, o ensino e atividades culturais e sociais. Para tanto, a APAEB mantém importantes parcerias com organizações nacionais e internacionais. Os resultados têm sido positivos promovendo significativas mudanças em um território tradicionalmente apropriado pelos grandes pro-

dutores e comerciantes, para um outro tipo em que o papel dos pequenos produtores passa a ser fundamental para o desenvolvimento da região, como já ocorre em iniciativas como o Fórum da Cidadania e os Conselhos Municipais de Desenvolvimento.

Palavras-Chave: territorialização, desenvolvimento local/regional, região do sisal/Bahia.

ABSTRACT

RE-INVENTING THE TERRITORY: TRADITION AND CHANGE IN THE AGAVE REGION – BAHIA

Taking the concept of territory as a basic element – an area with specific socio-economic, cultural and political relationships, identity, cohesion and organizational characteristics – this article examines a traditional region which is passing through deep transformations. In effect, the agave region, in the semi-arid area of Bahia begins to change in 1980, based in an endogenous process, with the creation of an association of small farmers in the county of Valente. This association initially bought and sold the agave from small farmers, eliminating the merchants and installed special machines for processing the agave. Later, the association built an industry of carpets and tapestry, and supported ovine and caprine cattle raising, with credits and technological diffusion.

The association also diffused new techniques for semi-arid regions, solar energy, schools, social and cultural activities. Today the association has important partnerships with national and international organizations. The results show significant changes in a traditional territory controlled by big farmers and merchants. Now this territory knows the important role of small farmers for the development of the region. This is already occurring, for example, in the citizenship councils and in the counties development councils.

Key-words: territorialization, local/regional development, agave region/Bahia.

1. INTRODUÇÃO

As questões territoriais vem recebendo cada vez mais atenção nos meios acadêmicos e sociais, refletindo o interesse da Sociedade como um todo pela temática como resultado da crescente e competitiva integração global de lugares e regiões.

Como decorrência, o território hoje deve ser entendido como uma síntese de quatro grandes características:

a) o território expressa, em um determinado momento, um complexo e dinâmico conjunto de relações sócio-econômicas, culturais e políticas, historicamente desenvolvidas e contextualmente especializadas, incluindo sua perspectiva ambiental;

b) em função das diferentes formas de combinação temporal e espacial das relações acima citadas, os territórios apresentam, por conseguinte, grande diversidade, com fortes características identitárias e isto envolvendo diferentes escalas;

c) os territórios assim identificados tendem, potencialmente, a apresentar laços de coesão e solidariedade também estimulados e dinamizados pelo crescimento das competitivas relações entre diferentes unidades territoriais no contexto da globalização;

d) assim, em termos dinâmicos, os territórios tendem a valorizar agora suas vantagens (e possibilidades) comparativas através, e isto é relativamente recente, de formas organizacionais sociais, institucionalmente territorializadas, capazes de promover uma inserção competitiva e bem sucedida nas novas e dinâmicas relações sócio-econômicas, culturais e políticas de nossos tempos, em uma escala global.

Até há pouco tempo, as vantagens comparativas eram, sobretudo, potencialidades locais e/ou regionais que seriam fornecidas por recursos naturais e culturais diferenciados que normalmente redundariam em complexas especializações produtivas. Agora cresce a perspectiva das vantagens competitivas e estas dependem da capacidade organizacional dos lugares e regiões, de natureza sócio-política, o que os transforma efetivamente em territórios.

Com esse arcabouço conceitual, o trabalho destaca, com base em pesquisa de campo e em análise de informações e documentos, as mudanças recentemente ocorridas em uma tradicional região do sertão baiano, a região do sisal em torno da cidade de Valente.

2. CONTEXTO REGIONAL E LOCAL

Esta região, uma das mais pobres do Brasil, secularmente sujeita às secas (Valente: média de 508,3 mm para

o período 1943-1983), caracteriza-se por sua antiga base pecuária apoiada no latifúndio, pelo sisal, introduzido na Bahia no início do século XX, em médias e pequenas propriedades, e pela agricultura de subsistência, em minifúndios. O sisal, voltado, sobretudo, para a exportação, após passar por um beneficiamento elementar, pouco a pouco passou a ser a principal atividade econômica, dando nome à região. Durante muito tempo, teve problemas com a redução dos preços internacionais, e, nas últimas décadas, com a concorrência das fibras sintéticas.

Todas as atividades agrícolas geraram uma relativamente densa rede de pequenas cidades, articuladas funcionalmente a algumas cidades médias (Serrinha, pequeno centro regional e, sobretudo, Feira de Santana, capital regional), e a Salvador, a metrópole portuária.

Portanto, trata-se de uma típica região primário-exportadora, apoiada em uma tradicional *commodity*. Pinto (1969) analisa bem suas principais características geográficas, econômi-

cas e sociais até o final da década de 60. Nesse sentido, também é importante mencionar a contribuição de Domingues e Keller (1958).

Teixeira (2000, p.305) destaca, nessa região, que o controle político tem sido historicamente exercido pelos grandes proprietários e comerciantes, expressando uma territorialidade tradicional.

É nesse quadro de extrema pobreza e estagnação, que surge, de forma endógena, um importante fator de transformação: a criação da Associação dos Pequenos Agricultores do Município de Valente - APAEB.

O sisal na Bahia, em termos de importância distribui-se, principalmente, em uma grande região quase toda contígua no centro Norte baiano, envolvendo 54 municípios (Figura 1). A sub-área de Valente, uma das mais importantes, localiza-se na parte oriental da região e é lá que atua a APAEB, em 12 municípios, conforme mostra a Figura 2. Valente localiza-se a 140 km de Feira de Santana e a 244 km de Salvador.

Tenha a sua RDE a um clic do seu mouse!

Agora, os 5 números da sua RDE estão disponíveis também em CD.



REVISTA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

RDE

Ligue:
(71) 273-8557

FIGURA 1 ESTADO DA BAHIA PRINCIPAIS ÁREAS DE SISAL - 2001

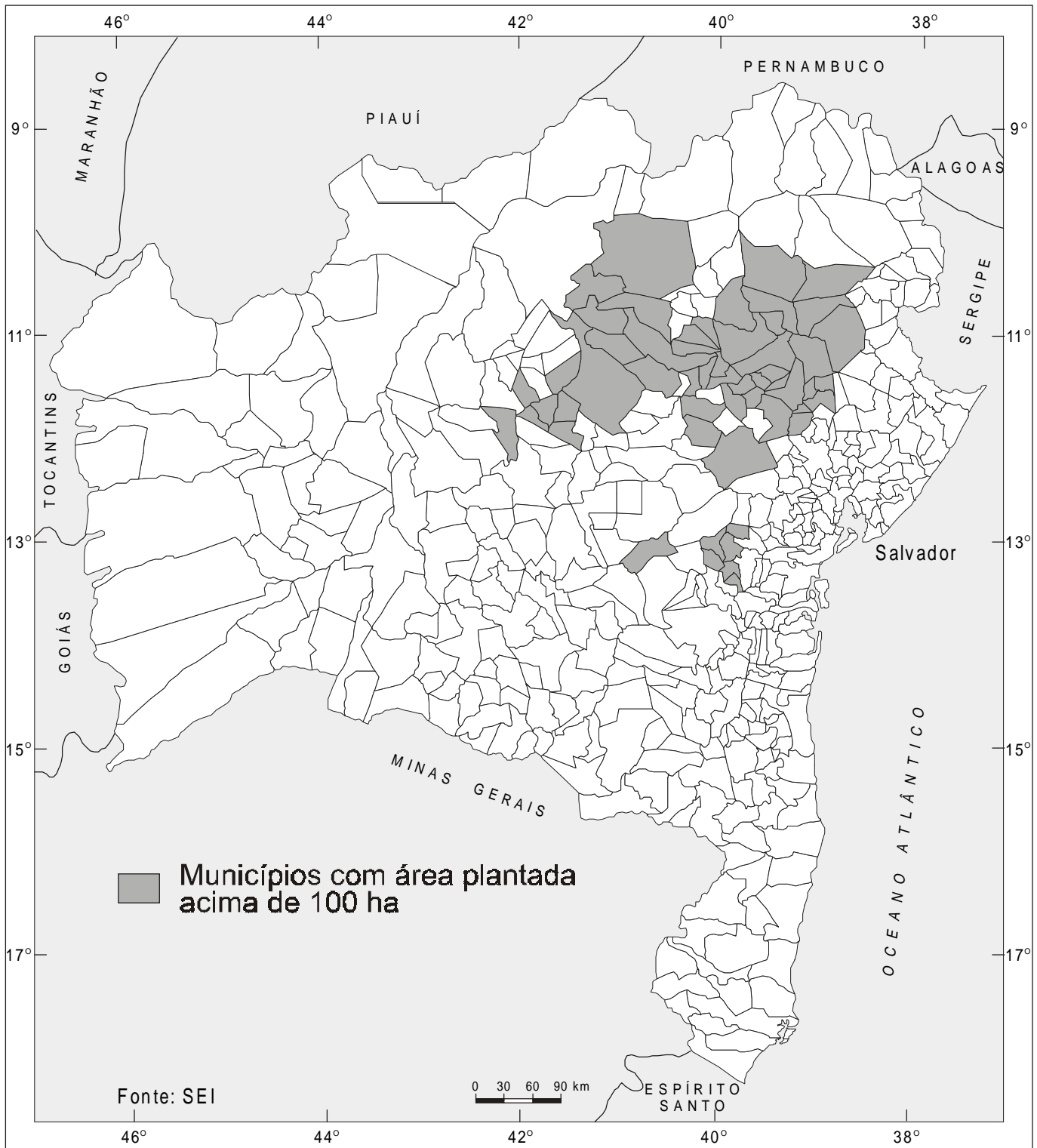
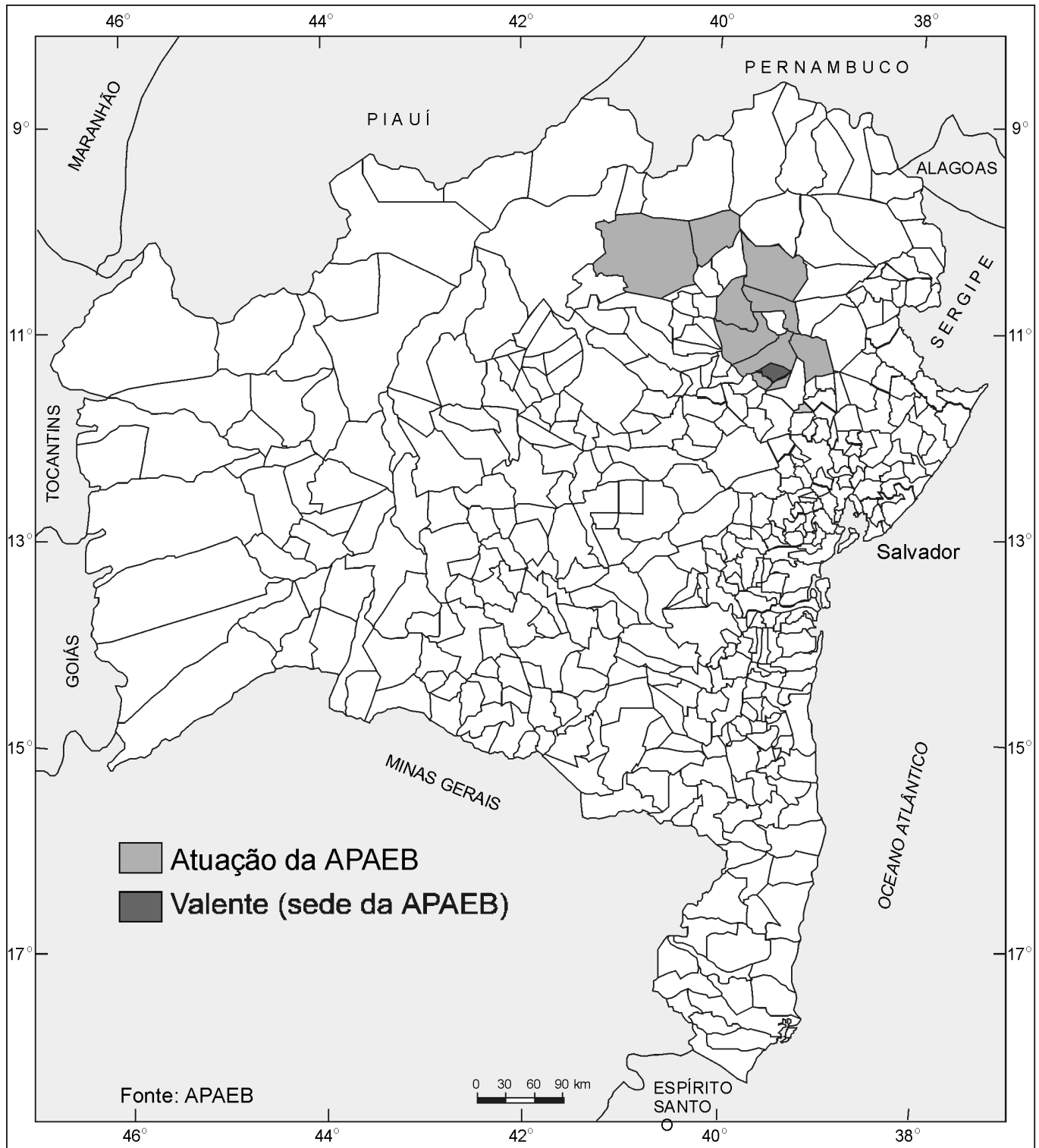


FIGURA 2 ESTADO DA BAHIA MUNICÍPIOS COM ATUAÇÃO DIRETA DA APAEB - 2001



Os dados básicos da região de Valente são os contidos na Tabela 1.

A região, portanto, é ainda predominantemente rural (233.469 habitantes no campo contra 124.909 no meio urbano). A taxa de urbanização média da região é de apenas 34,85 %, a mínima é de 13,33 % (Monte Santo) e a máxima de 58,00 % (Santaluz). Valente apresenta a taxa de urbanização de 49,65%.

No período 1980-2000, a evolução da população regional pode ser visualizada na Tabela 2.

Portanto, a região tem tido, na última década, um crescimento demográfico bem pouco dinâmico.

Por outro lado, os Indicadores de Desenvolvimento Econômico, Desenvolvimento Social e, integrando os dois, Desenvolvimento Econômico e Social não são favoráveis aos municípios da região no contexto dos 415 municípios baianos existentes em 1996, conforme pode ser visto na Tabela 3, com o acréscimo de Salvador para fins de comparação.

Em termos sociais, a região tem tido um destaque nacional negativo em função da existência de um expressivo contingente de trabalho infantil e de trabalhadores mutilados (mãos, braços) pelo uso, no campo, de máquinas de beneficiamento do sisal tecnologicamente superadas (chamadas "paraibanas").

Da mesma forma, a renda per capita dos municípios da região é bem inferior aos 12 municípios com maior PIB per capita e à média estadual, como está apontado na Tabela 4, na página seguinte.

TABELA 1
REGIÃO DE ATUAÇÃO DA APAEB
ÁREA E INDICADORES DEMOGRÁFICOS - 2000

MUNICÍPIOS	ÁREA	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	DENSIDADE DEMOGRÁFICA
Araci	1.570,1	47.563	16.169	31.394	30,29
Campo Formoso	6.806,0	61.905	20.972	40.933	9,10
Cansanção	1.319,6	31.975	9.257	22.718	24,23
Ichu	128,0	5.596	2.661	2.935	43,73
Itiúba	1.730,9	35.550	8.857	26.693	20,54
Jaguarari	2.567,6	27.395	13.376	14.019	10,67
Monte Santo	3.285,1	54.286	7.234	47.052	16,52
Queimadas	2.097,5	24.601	9.774	14.827	11,73
Retirolândia	203,7	10.926	5.459	5.467	53,63
Santaluz	1.597,3	30.931	17.940	12.991	19,37
São Domingos	251,1	8.521	3.713	4.808	33,93
Valente	371,0	19.129	9.497	9.632	51,56
TOTAL	21.927,90	358.378	124.909	233.469	16,34

Fonte: IBGE. *Censo Preliminar - 2000.*

TABELA 2
REGIÃO DE ATUAÇÃO DA APAEB
CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO - 1980/2000

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO TOTAL			TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL (%)	
	1980	1991	2000	1980/1991	1991/2000
Araci	32.225	45.341	47.563	3,15	0,53
Campo Formoso (1)	56.700	62.104	61.905	0,83	-0,04
Cansanção	24.423	30.903	31.975	2,16	0,38
Ichu	5.258	8.596	5.596	4,57	-4,66
Itiúba	30.551	34.403	35.550	1,09	0,37
Jaguarari	23.044	31.141	27.395	2,78	-1,41
Monte Santo	42.182	51.280	54.286	1,79	0,63
Queimadas (2)	27.249	23.162	24.601	-1,47	0,67
Retirolândia	10.402	11.300	10.926	0,76	-0,37
Santaluz	23.120	30.634	30.931	2,59	0,11
São Domingos (3)	-	10.276	8.521	-	-2,06
Valente (4)	21.790	17.830	19.129	-1,81	0,78
TOTAL	296.944	356.970	358.378	1,69	0,04

(1) sofreu desmembramento, em 1989, com a criação do município de Umburanas

(2) sofreu desmembramento, em 1985, com a criação do município de Nordestina

(3) município criado em 1989, desmembrado de Valente

(4) sofreu desmembramento, em 1989, com a criação do município de São Domingos

Fonte: IBGE. *Censo Demográfico - 1980 e 1991; Censo Preliminar - 2000.*

TABELA 3
REGIÃO DE ATUAÇÃO DA APAEB
INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - 1996

MUNICÍPIOS	IDE	IDS	(IDE x IDS) ^{1/2}	Classificação
Araci	70,95	16,70	34,42	185º
Campo Formoso	119,86	22,25	51,64	64º
Cansanção	67,09	19,15	35,84	163º
Ichu	35,14	18,25	25,33	309º
Itiúba	60,97	17,69	32,84	202º
Jaguarari	71,39	21,57	39,24	135º
Monte Santo	45,39	14,68	25,81	303º
Queimadas	65,02	18,94	35,09	173º
Retirolândia	37,53	18,62	26,44	294º
Santaluz	97,62	24,39	48,80	74º
São Domingos	28,69	22,58	25,45	308º
Valente	92,46	24,48	47,58	79º
(Salvador)	1.114,75	42,68	218,13	1º

Fonte: SEPLANTEC / SEI

REVISTA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

RDE

Números anteriores:
Secretaria da Revista:
Profª Tatiana Spínola
Tel.: (71) 273-8557
e-mail: rde@unifacs.br

TABELA 4
ESTADO DA BAHIA E REGIÃO DE ATUAÇÃO DA APAEB
RENDA PER CAPITA – 1996

MUNICÍPIOS COM MAIORES PIB PER CAPITA DO ESTADO DA BAHIA	PIB PER CAPITA 1996 (*)	MUNICÍPIOS DA REGIÃO DE ATUAÇÃO DA APAEB	PIB PER CAPITA 1996 (*)
1. São Francisco do Conde	11.532,07	1. Araci	2.981,94
2. Candeias	10.007,25	2. Campo Formoso	2.523,47
3. Simões Filho	8.743,80	3. Valente	1.957,14
4. Salvador	6.269,52	4. São Domingos	1.568,22
5. Lauro de Freitas	6.129,01	5. Retirolândia	1.436,01
6. São Desidério	5.352,39	6. Jaguarari	1.275,41
7. Catu	4.895,68	7. Queimadas	1.095,36
8. Amélia Rodrigues	4.812,62	8. Monte Santo	1.086,56
9. Camaçari	4.566,63	9. Santaluz	934,70
10. Lajedão	4.535,21	10. Cansanção	778,02
11. Santo Amaro	4.476,21	11. Ichu	758,29
12. Brumado	4.387,05	12. Itiúba	754,96
ESTADO DA BAHIA	2.567,91	REGIÃO	1.586,28

(*) US\$ 1998

Fonte: Elaborado com base em dados do IPEA e do IBGE

3. A CRIAÇÃO DA APAEB

O sisal (*agave sisalana*), planta originária do México (Yukatan), foi introduzido na Bahia no início do século XX mas só se expande como importante lavoura no final da década de 30, graças às ações do Governo do Estado como uma alternativa para o desenvolvimento de regiões semi-áridas. A expansão foi rápida nas décadas seguintes, em áreas de pecuária tradicional e de culturas de subsistência, passando a configurar a região sisaleira da Bahia. Diferentemente do México, a espécie de sisal plantada na Bahia não é favorável à produção da tequila (aguardente), além de não existir tradição na área para essa finalidade.

A demanda pela fibra do sisal cresceu bastante durante a Segunda Guerra Mundial. Tradicionalmente, as fibras de sisal são usadas para sacarias, na cordoaria em geral, cordas marítimas, barbantes, fios e similares, tapetes, carpachos, sacolas, etc.

Mas a região não consegue se desenvolver em função de sua tradicional estrutura político-social e das questões relacionadas com os preços internacionais do produto, com as secas e, mais recentemente, com a concorrência com as fibras sintéticas.

Mas é preciso registrar que a

APAEB não surgiu como uma decorrência direta dos problemas do sisal mas sim das questões referentes à agricultura de subsistência. A própria APAEB destaca isso na sua história, segundo consta nos seus documentos:

A APAEB foi criada a partir de uma mobilização ocorrida no final da década de 70, quando os agricultores do semi-árido fizeram uma grande manifestação viajando até Salvador para pedir o fim do imposto que pagavam para vender nas feiras livres o produto excedente da sua agricultura de subsistência caseira. Apesar de se tratar de uma necessidade básica para a sobrevivência do trabalhador, a venda de uma simples saca de feijão pagava um imposto tão alto que era melhor deixar a mercadoria ser apreendida quando os trabalhadores eram surpreendidos na estrada pelos fiscais. Na época da manifestação Antonio Carlos Magalhães era o governador da Bahia e diante da força do movimento – que lotou vários ônibus e ocupou o Centro Administrativo ainda em construção em Salvador – atendeu a reivindicação dos agricultores. (<http://www.apaeb.com.br>)

Retornando à região, os agricultores fundaram a Associação dos Pequenos Agricultores do Estado da Bahia - APAEB, em 1980, com a ajuda do MOC (Movimento de Organização Comunitária), organização social de Feira de Santana ligada à ala progressista da Igreja Católica. Na mesma

época, outras associações de pequenos produtores foram criadas em vários municípios, associados à APAEB, mas que não tiveram o mesmo desempenho que a APAEB/Valente.

Em Valente, a APAEB logo organizou um Posto de Vendas com o objetivo de comprar os produtos dos associados pelo melhor preço, revendendo produtos industrializados a preços acessíveis.

Mas logo virá outra importante e decisiva ação para o fortalecimento da APAEB/Valente:

Como o sisal era o principal produto da região, a Associação tinha que trabalhar diretamente com ele. Reunir os agricultores e vender o sisal em bloco foi a primeira providência, mas não bastou. Sem beneficiar a fibra, os camponeses continuavam nas mãos dos atravessadores. Daí surgiu surgiu a iniciativa de construir uma Batedeira Comunitária, o berço de todo o processo de industrialização que resultou na fábrica de tapetes e carpetes e outros empreendimentos que existem hoje. Depois de construída a batedeira, com recursos de organizações não governamentais estrangeiras, a Associação começou a exportar o sisal, partindo para o processo de juntar capital e experiência ao mesmo tempo em que construiu um nome no mercado. Novamente a experiência demonstrou que vender a matéria-prima era transferir a maior parte do lucro para quem fazia o produto final. Foi então que surgiu o sonho da fábrica, finalmente construída com ajuda do governo da Bélgica e do Banco do Nordeste e inaugurada em 1996. Até 1990 as APAEBs permaneceram sob um comando único, mas em 1991 foi definida a municipalização, com cada comunidade local definindo sua diretoria e organização. A partir daí surgiu a APAEB Valente (Associação dos Pequenos Agricultores do Município de Valente), que vem se expandindo sem parar e tem planos para ir muito mais longe. (<http://www.apaeb.com.br>)

4. AS AÇÕES DA APAEB

A APAEB foi fundada como organização sem fins lucrativos para promover o desenvolvimento sustentável da região, como consta nos seus próprios documentos básicos.

Assim, os principais objetivos iniciais da APAEB foram os de (i) promover a organização dos pequenos agricultores; (ii) trazer gêneros de primeira necessidade diretamente das fontes produtores repassando-os a preços bem mais acessíveis para seus membros; e (iii) trabalhar pela valorização de toda a produção dos camponeses.

Portanto, observa-se desde o início o intenso esforço de organização da sociedade civil sobre uma bem definida base territorial, Valente e um grupo de municípios vizinhos. Também é importante ressaltar a formação de dinâmicas lideranças desde o início das atividades.

Até então, havia um certo pessimismo de que as coisas poderiam melhorar em uma região semi-árida, dependendo sobretudo de um produto com baixos preços e sujeito a crises periódicas.

O pensamento dominante era “não tem jeito”. Mas um grupo resolveu se organizar, olhar em volta e ver que a solução estava ali mesmo, junto de nós. Os desafios eram imensos e a união de forças foi a resposta para as muitas perguntas que se faziam e ainda se fazem. (APAEB, 20 anos - Reinventando o Sertão, 2000, grifos nossos)

Seguindo a própria metodologia apresentada nos documentos da APAEB vamos colocar perguntas e respostas para melhor entender todo o papel da Associação em seu esforço de “reinventar o Sertão”. As perguntas sinalizam para as características dos problemas do passado recente e as respostas indicam o sentido das mudanças por nós verificado *in loco*:

◆ *O sisal era barato de mais?*

A APAEB passou a comprar o sisal dos produtores (cerca de 1.000 famílias) e a vendê-lo em bloco, desmantelando a tradicional rede de intermediários, o que provocou uma elevação dos preços em quase 40%.

Nos municípios mais distantes, os intermediários ainda estão presentes, com preços muito abaixo dos cobrados pela APAEB, e causando prejuízos aos pequenos produtores.

Já os intermediários que operam nos municípios mais próximos são obrigados a manter seus preços próximos aos praticados pela APAEB, que vem cumprindo papel regulador no mercado. (Almeida, 2000, p.17).

◆ *E isso era ainda pouco?*

A APAEB instalou em 1984 uma Batedeira Comunitária, nome dado às usinas de beneficiamento de sisal (para retirar os resíduos e para fazer o enfardamento da fibra, preparando a comercialização), com apoio financeiro da cooperação internacional (da Agência Católica Holandesa de Cooperação Internacional e da Inter-American Foundation, dos Estados Unidos) e do Governo do Estado da Bahia, além da assessoria do MOC. Hoje 130 pessoas trabalham na Batedeira Comunitária e outros três bateadeiras em Valente trabalham exclusivamente para atender às encomendas da APAEB.

Mas o projeto mais ousado foi o de construir em Valente uma fábrica para produzir tapetes e carpetes de sisal, fechando o ciclo da agro-indústria, aumentando o número de empregos e agregando maior valor ao produto sisal. Com isso, todas as atividades da APAEB seriam mais autônomas e sustentáveis. A fábrica, inaugurada no final de 1995, teve apoio do Banco do Nordeste, do Disop, uma instituição ligada ao Governo da Bélgica, da Inter-American Foundation, dos Estados Unidos, de outras ONGs, de recursos próprios e empréstimos. Todos os equipamentos foram importados da Holanda, o país com maior tradição na produção dos equipamentos deste tipo. Os investimentos somam mais de 7 milhões de dólares (Almeida, 2000, p.22). As vendas são feitas sobretudo para os Estados Unidos e Europa e para vários estados brasileiros. A fábrica empregava diretamente 570 pessoas em abril/2001, antes das medidas de racionamento adotados pelo Governo federal. Com a implantação da nova cota de consumo, a APAEB viu-se obrigada a dispensar uma turma de operários, totalizando 96 pessoas.

A fábrica, segundo a APAEB, “só emprega o povo da terra que não precisa mais sair para a cidade grande, em busca da falsa ilusão de uma vida melhor”. (APAEB, 20 anos - Reinventando o Sertão, 2000)

Mais recentemente, cresce a atividade do artesanato em fibras naturais (de sisal, caroá e ariri), ocupando cerca de 50 mulheres.

Essa expansão tem sido beneficiada pela crescente preferência, em todo mundo, por produtos naturais. Assim, por exemplo, as montadoras de veículos estão substituindo os sintéticos nos carros por fibras naturais, inclusive do sisal. A fábrica da Ford, recentemente inaugurada em Camaçari, está planejando usar o sisal na composição de peças, como no revestimento interno da cabine, no pára-sol e na encapsulação das cabines de motor. (Rios, 2001, p.A-7)

Por outro lado, em termos de geração de empregos em Valente, a APAEB já é a segunda maior empregadora do município. Em agosto/2000 a APAEB empregava 803 pessoas contra pouco mais de 1000 pessoas na Prefeitura.

◆ *A pecuária, outra importante base econômica regional, era cara demais? A pele era barata? As cabras produziam pouco leite?*

A APAEB investiu fortemente na ovinocaprinocultura, mostrando as vantagens dos pequenos animais. Também construiu um curtume para valorizar a produção, conseguindo, em poucos meses, triplicar o preço. A APAEB trouxe 19 cabras leiteiras e um reprodutor da raça parda alpina para melhorar o rebanho e construiu um laticínio que fabrica doces, iogurte e leite pasteurizado. A APAEB estimulou igualmente o aproveitamento do bagaço do sisal, promoveu o cultivo de plantas mais resistentes e garantiu uma boa alimentação para os animais, fazendo silagem, fenação, mucilagem para produzir ração e aproveitando tudo que a terra produz. O manejo correto do rebanho aumentou a natalidade e reduziu a mortalidade para níveis considerados excelentes.

“...novas e relevantes tecnologias agro-pecuárias têm sido difundidas na região em um tempo relativamente curto...”

Recentemente, a APAEB passou a comprar e a vender caprinos e ovinos dos sócios, obtendo melhores preços. Também montou um mini-laboratório de análises para permitir o combate às verminoses e melhorar a qualidade das criações, com a supervisão de um veterinário contratado pela APAEB.

◆ *O pequeno produtor não tinha dinheiro para investir?*

A APAEB, através de seus criadores, implantou, em 1993, a Cooperativa de Crédito (COOPERE), hoje com 1.384 associados, que pagam uma pequena taxa de adesão. Quando surgiu, a COOPERE era a única cooperativa de crédito de pequenos produtores do Estado da Bahia, tendo inspirado a criação de 25 outras cooperativas. A COOPERE, hoje com sete empregados, funciona com total autonomia com relação a APAEB mas trabalha com o mesmo objetivo de promover o desenvolvimento sustentável da região. A COOPERE trabalha como um banco e está integrada ao BANCOOB – Banco Cooperativo do Brasil que coordena o SICOOB – Sistema das Cooperativas de Crédito. A COOPERE passou igualmente a receber financiamentos dos bancos oficiais destinados aos pequenos agricultores da região sisaleira, antes nunca atendidos pelas referidas instituições.

◆ *O agricultor não sabia como investir na produção?*

A APAEB contratou e treinou técnicos para a elaboração de projetos agro-pecuários e para orientar o dia a

dia da propriedade rural, dentre eles quatro engenheiros agrônomos e um veterinário. Com isso, novas e relevantes tecnologias agro-pecuárias têm sido difundidas na região em um tempo relativamente curto.

◆ *A chuva era pouca? A terra era seca?*

A APAEB construiu 80 reservatórios (cisternas) em nove comunidades rurais (um reservatório de 20 m³ sai por R\$ 400,00, pagos pelo associado em dois anos, em parcelas mensais de R\$ 10,00). Esses reservatórios armazenam as águas das chuvas coletadas dos telhados através de calhas e tem se relevado de grande utilidade. A Associação da mesma forma incentivou a construção de açudes e adquiriu uma máquina de perfurar poços tendo já perfurado 19 poços até 12/2000, sendo seis pagos com recursos da Cia. de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR, do Governo do Estado.

Nossa menta é ter um poço em cada comunidade e uma cisterna em cada casa. Se cada casa tivesse uma cisterna com capacidade para 20 e 30 mil litros d'água e cada comunidade um poço artesiano, além de orientações técnicas, silagem e fenação de alimentos, as secas seriam enfrentadas com naturalidade. (APAEB, *Relatório anual 2000*, p.32)

A APAEB estimulou igualmente a “forração” de terrenos com plástico e a construção de barragens subterrâneas. Também tem incentivado a hidroponia e o reflorestamento com mudas de plantas nativas e resistentes à seca.

◆ *Não tinha luz elétrica no campo?*

A APAEB tem financiado placas de energia solar para as famílias rurais, com bons resultados em 740 residências até meados do ano 2000. Além do maior conforto doméstico, há menor poluição com a extinção do uso do lampião e menor consumo de madeira com o uso de cerca elétrica o que contribui para reduzir o desmatamento. O pagamento é feito parceladamente em espécie ou em produção (bodes).

“...monitores que trabalham na escola também visitam as famílias para ajudar na orientação técnica.”

A Escola Família Agrícola, mantida pela APAEB, usa energia solar o que ajuda a difundir a tecnologia. Assim, a Escola instalou recentemente quatro computadores, com recursos do BNDES, movidos a energia solar.

◆ *O homem do campo tinha pouca instrução e informação?*

Como já foi visto, a APAEB implantou no campo (a 13 km de Valente) a Escola Família Agrícola – EFA, em 1996, com alunos da 5ª a 8ª série, com todo o conteúdo das escolas tradicionais e ainda disciplinas como economia rural, meio ambiente, movimentos sociais e relações humanas.

A EFA funciona como uma escola agrícola, onde alunos e pais são ensinados a conviver com o semi-árido, usando técnicas adequadas e preservando o meio ambiente: os alunos passam uma semana na escola e outra em casa, transmitindo os conhecimentos adquiridos. Os monitores que trabalham na escola também visitam as famílias para ajudar na orientação técnica. (APAEB, *Relatório anual 2000*, p.28)

Em junho/2001 a Escola tinha 79 alunos oriundos dos municípios de Valente, Retirolândia, São Domingos, Conceição do Coité, Queimadas, Nova Fátima e Santaluz. Nem todos os alunos são filhos de associados da APAEB.

A EFA desenvolve as seguintes atividades práticas: caprinocultura de corte e leite, apicultura, avicultura, suinocultura, cunicultura, agricultura, horticultura, minhocultura, silagem e fenação de alimento, agricultura familiar de sequeiro e farmácia verde.

Mais de 1.000 pessoas foram igualmente treinadas pela APAEB em

curso de convivência com a seca. Palestras, assistência especializada de técnicos e outras atividades são intensamente desenvolvidas com o mesmo objetivo.

A APAEB também tem um programa de alfabetização, em convênio com o SESI e a Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, implantou a Rádio Valente FM e mantém um programa semanal na Rádio Sisal, em Conceição do Coité. A Associação edita a Folha do Sisal, um boletim mensal, com tiragem de 4.000 exemplares, distribuídos no Brasil e no exterior. Movimentos culturais têm sido igualmente apoiados pela APAEB, ajudando a preservar a cultura, como é o caso do Movimento da Quixabeira, criado para valorizar a produção musical do sertão. Recentemente, a APAEB adquiriu um trio elétrico (o ZUMBI), utilizado no trabalho comunitário para levar informações e convocar a população para encontros e reuniões. Da mesma forma, a APAEB tem divulgado mensagens através da chamada TV Valente, uma TV itinerante com programas exibidos em um telão e, como já foi destacado, a APAEB dispõe de uma página na Internet e de endereços eletrônicos de grande importância para dinamizar seu processo global de comunicação.

◆ *Não havia recursos disponíveis para financiar projetos de porte?*

A região realmente não dispunha de possibilidades de geração própria de recursos significativos e de atrair investimentos privados externos. A atuação do Setor Público (poder municipal, poder estadual e poder federal), por outro lado, era, sob muitos aspectos, setorializada e limitada, com pequeno envolvimento e participação social.

A APAEB passou a se envolver progressivamente com instituições privadas e públicas no Brasil e no Exterior, estabelecendo importantes parcerias e obtendo recursos para seus projetos, como já foi sinalizado em alguns casos.

Entre 1999/2000, a APAEB estabeleceu parceria com as seguintes instituições:

QUADRO 1
ORGANIZAÇÕES DE APOIO À APAEB – 1999-2001

ORGANIZAÇÕES	ORIGEM
Associações Comunitárias	Região
BID	Washington – Estados Unidos
Bilance	Holanda
BNDES	Rio de Janeiro-RJ
Ceris	Rio de Janeiro-RJ
Cese	Salvador-Bahia
COOPERE	Valente-Bahia
Disop	Bélgica
Fundação Doen	Holanda
Fundação Heinrich Böll	Alemanha
Fundação Kellogg	Estados Unidos
Inter American Foundation	Estados Unidos
Kreditbank	Bélgica
Lateinamerika Zentrum E.V.	Alemanha
Manos Unidos	Espanha
Misereor	Alemanha
MOC	Feira de Santana-Bahia
MOC/SETRAS / Iepala	Feira de Santana-Bahia
Pão para o mundo (Brot für die Welt)	Alemanha
Prefeituras	Valente, S.Domingos, Santaluz
Rede Nordeste	Nordeste
Refaisa	Região semi-árida
SESI	Salvador / Valente
SETRAS	Salvador
SIMFR	França
Sindicatos de Trabalhadores Rurais	Região
Univ. Estadual de Feira de Santana / UEFS	Feira de Santana-Bahia
Winrock Internacional	Salvador

Fonte: APAEB. Relatório anual 1999 e 2000; página Web APAEB <http://www.apaeb.com.br>

“... a COOPERE conseguiu US\$ 300.000 para repassar a quase 300 produtores...”

Neste ano, muitas parcerias continuam em plena atividade e a APAEB conseguiu ainda dois importantes financiamentos. O primeiro, no valor de R\$ 3,9 milhões, foi firmado com o BNDES para capital de giro, compra de equipamentos, veículos e qualificação da mão-de-obra.

Com o BID, a COOPERE conseguiu US\$ 300.000 para repassar a quase 300 produtores para custeio, capital de giro e investimentos fixos. A COOPERE também elaborou projetos para receber recursos do PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar destinados a 69 famílias.

◆ *A comunidade não tinha grandes possibilidades de integração social?*

A APAEB construiu em Valente, um grande clube social visando fortalecer os laços sociais de coesão entre associados, funcionários e dependentes, com piscinas, ginásio coberto, lanchonete e dependências de

apoio. Este espaço tem sido utilizado igualmente para promover os artistas locais.

A nova dinâmica social tem estimulado a instalação de Conselhos da Cidadania e de Desenvolvimento Municipal, o envolvimento maior com o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, grave problema regional, ações de Educação Ambiental e a realização de mutirões para diversos fins, todos de grande interesse comunitário.

◆ *Finalmente, houve realmente bons resultados para os pequenos produtores para a região?*

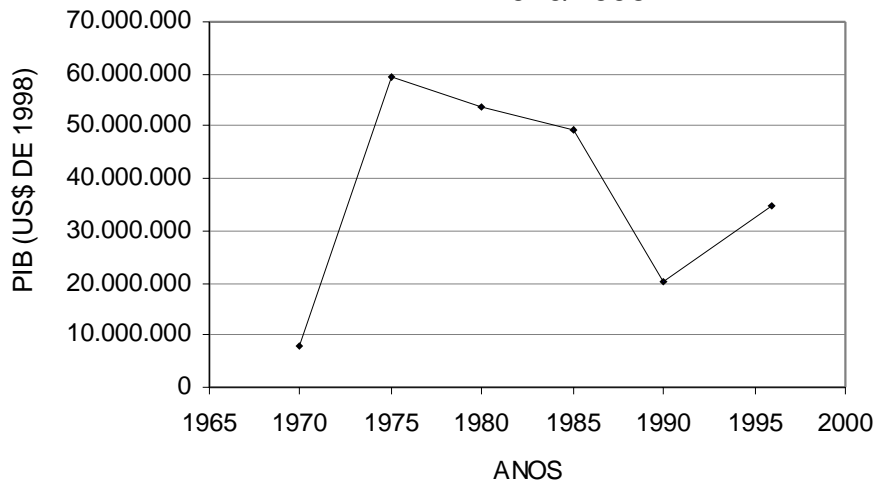
Em termos relacionados com a renda dos pequenos agricultores, a APAEB estima que efetivamente tem aumentado a renda familiar. Assim, caiu, entre 1993 e 1997, o percentual das famílias com renda familiar até 1 Salário Mínimo (de 82% para 25%) e aumenta o percentual das famílias com renda superior a 1 Salário Mínimo (de 18% para 75%), conforme consta no Relatório da APAEB de 1999. Muitas famílias já estão com renda entre 2 e 3 Salários Mínimos.

Isto pode ser avaliado também pela melhoria dos preços do sisal e das peles caprina e ovina. No caso do sisal, o tipo 3 (o mais comum) passou de R\$ 160 a R\$ 330/tonelada entre 1995 e 2000, o tipo 2, de melhor qualidade, passou de R\$ 270 a R\$ 375/tonelada entre 1996 e 2000, e o tipo 3, o de melhor qualidade produzido na área graças à demanda da fábrica da APAEB, passa de R\$ 460 a R\$ 470/tonelada entre 1999 e 2000. Já a pele caprina evoluiu de R\$ 1,50 para R\$ 4,00 entre fevereiro a dezembro/1999, e a ovina, no mesmo período, cresce de R\$ 4,00 para R\$ 7,00.

Evidentemente, a crescente diversificação das atividades traz igualmente muitas vantagens para os pequenos produtores, como, por exemplo, reduzir suas despesas na feira, bem como todas as inovações em sua casa (energia solar, água), na educação de seus filhos, etc., trazem uma melhoria em sua qualidade de vida.

Em síntese, a APAEB tem causa-

FIGURA 3
MUNICÍPIO DE VALENTE
PIB - 1970/1996



Fonte: IPEA

do um impacto expressivo na economia urbana e municipal de Valente, com certa difusão para sua região.

Em termos de PIB, Valente apresenta um crescimento importante entre 1990 e 1996 mas ainda não conseguiu retornar a valores de 1975, 1980 e 1985 quando a situação da economia sisaleira era bem melhor, conforme mostra a Figura 3. O ano de 1990 marca a mais recente e importante crise da região sisaleira o que gerou a montagem da campanha "Sisaleiros pedem socorro", integrando várias entidades da sociedade civil.

Em 1996, segundo estimativas de Barbosa (2001), o PIB de Valente tinha a seguinte composição setorial: setor primário, 38,4%; setor secundário, 29,2% e setor terciário, 32,4%. Com isto, fica já demonstrada a importância da atividade industrial implantada pela APAEB.

5. CONCLUSÃO

Como foi possível demonstrar, a região do sisal (Valente e a área de influência da APAEB, aqui analisada) é um exemplo relevante da construção de uma nova territorialidade que tem conseguido:

a) organizar, de forma endógena,

na base do sistema produtivo, a dos pequenos produtores, um conjunto de complexas relações econômico-sociais e político-culturais, em torno de objetivos comuns, valorizando a identidade historicamente construída e introduzindo sempre inovações em vários setores; (nesse contexto, é preciso reconhecer o papel pioneiro dos movimentos sociais ligados à Igreja, no caso do MOC, e, mais tarde, das demais organizações sociais parceiras da APAEB/Valente);

b) fortalecer os laços de coesão e solidariedade entre os pequenos produtores, evitando conflitos que pudessem interromper o processo e envolvendo também diferentes organizações do país e do exterior, estes últimos bem expressivos;

c) formar competentes lideranças locais para a cada vez mais complexa condução das Associação já ao longo de 21 anos;

d) buscar formas mais eficientes e competitivas de inserção nos mercados externos, do país e do exterior.

Assim, o exemplo da APAEB é instigante no contexto da atual Geografia Econômica e Social, na perspec-

tiva de uma nova conceituação de território que valorize:

- a) um conjunto de relações sócio-econômicas, políticas e culturais, socialmente desenvolvidas em um determinado ambiente, priorizando questões de interesse comum;
- b) a perspectiva da diversidade dos elementos constituintes e, ao mesmo tempo, a busca de uma identidade socialmente construída para a área; e
- c) a capacidade organizacional dos diferentes setores, vistos em separado e de forma integrada, institucionalmente territorializada e capaz de promover uma inserção competitiva nos contextos externos.

Assim, hoje, os territórios não podem se basear só em suas vantagens comparativas (para as quais a teoria econômica e geográfica fornecem tradicionalmente importantes subsídios); eles precisam se basear agora em vantagens competitivas e estas dependem cada vez mais da capacidade de desenvolver amplas e dinâmicas formas organizacionais em torno de objetivos (territorializados) comuns, isto é, de um projeto político para o próprio território.

Nesse contexto, o exemplo da *reinvenção do território sertanejo* promovido pela APAEB/Valente, com grande espontaneidade, é extremamente significativo, em termos teóricos e aplicados.

Entretanto, é evidente que muitos dos graves problemas regionais continuam e seria simplista esperar que tivesse sido possível resolvê-los só com a ação da APAEB desde 1980. Mas, avaliando sua dinâmica e ampla atuação é possível apontar para algumas características, potencialidades e tendências. Neste sentido, a APAEB/Valente teve as seguintes fases, analisando seus principais marcos têmporo-espaciais:

- 1) fase pioneira – 1980-1983: implantação e atuação na orga-

nização dos pequenos produtores de sisal, no contexto da APAEB/Bahia, agindo, em Valente, destacadamente na compra e venda do produto e na compra e venda de produtos de consumo;

- 2) fase de crescimento – 1984-1989: com a instalação da Batedeira Comunitária, a incorporação de outras batedeiras e uma maior diversidade de ação junto aos pequenos produtores;
- 3) fase de estruturação local/regional – 1990-1992: organização e funcionamento da APAEB/Valente, no quadro da municipalização das APAEBs, com definição de sua diretoria e de seus planos de ação;
- 4) fase de consolidação – 1993-2001: com a implantação da COOPERE e da Fábrica de Sisal, além de outros importantes projetos já apresentados neste trabalho.

Para chegar a estes resultados, setorialmente importantes, é evidente que a APAEB/Valente teve necessidade de se envolver com diferentes organizações públicas e privadas, adotando claramente, além de uma visão econômica, uma postura social. Neste sentido, a APAEB construiu, ao mesmo tempo, algo extremamente importante no mundo de hoje: um *enraizamento* de sua identidade e um *enredamento* global de suas ações.

É neste sentido que a APAEB reformulou sua estrutura passando, após um processo aberto de avaliação, com atuação de consultores externos, de quatro Departamentos (Comercial, Industrial, Educação e Agropecuária) para apenas dois (Comercial e Industrial e de Desenvolvimento Comunitário, este envolvendo Educação e Agropecuária) e criando dois comitês, o Gerencial e o Executivo, com representantes dos vários setores da entidade, encarregados de implantar de forma ágil as mudanças organizacionais. (A propósito, seria importante analisar, em outros trabalhos, as

razões pelas quais as APAEBs de outros municípios do Estado da Bahia não deram certo).

Assim, tudo indica que a próxima fase já em gestação, em Valente e em sua região, será a de crescer a perspectiva da atuação da APAEB (e de outras instituições públicas e privadas) em busca do pleno desenvolvimento da região, para o que já há ações em curso, como o Fórum da Cidadania e os Conselhos Municipais de Desenvolvimento.

Mas é preciso muito mais. Primeiramente, é necessário evitar choques entre a APAEB, como organização com forte e crescente cunho empresarial (e também social), e outras de caráter político e social, muitas delas ligadas a tradicionais lideranças políticas. Esse desafio, envolvendo, inclusive, questões político-partidárias, já está sendo enfrentado com dificuldades na região como bem relata Teixeira (2000, p.316-324). Para tanto, e em segundo lugar, deve-se agir politicamente, em Valente e na região, no sentido de se construir um modelo inovador, endógeno, capaz de integrar plenamente o Primeiro Setor (o setor público), o Segundo Setor (o das empresas) e o Terceiro Setor (o setor social, não estatal) e discutir, elaborar e aplicar um projeto estratégico de desenvolvimento local/regional socialmente justo e ambientalmente equilibrado e bem relacionado no contexto externo. Neste processo inovador, é evidente, que o papel pioneiro e abrangente da APAEB será de alta relevância.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Wellington. Cidadania ativa: a experiência dos pequenos produtores rurais. In: CAMAROTTI, Ilka; SPINK, Peter (orgs.). *Parcerias e pobreza*. Soluções locais na construção de relações sócio-econômicas. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 11-32.
- APAEB. *Homepage*. Disponível em: <http://www.apaeb.com.br>
- APAEB. *Relatório anual 1999*. Valente: 2000.
- APAEB. *Relatório anual 2000*. Valente: 2001.
- APAEB. *20 anos - Reinventando o Sertão*. Valente: 2000.

BARBOSA, Cesar. *Produto Interno Bruto Setorial e hierarquização dos municípios baianos*. Salvador: UNIFACS, out.2001. (inédito)

BARRETO, Osvaldo. Terceiro Setor: um novo espaço de sociabilidade pública? *Bahia Análise & Dados*. Salvador, v.9, n.4, p.109-118, mar.2000.

DOMINGUES, Alfredo José Porto; KELLER, Elza Coelho de Souza. *Bahia*. Guia da excursão n. 6, realizada por ocasião do XVIII Congresso Internacional de Geografia. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1958.

PINTO, Maria Novais. Contribuição ao estudo da influência da lavoura especulativa do sisal no Estado da Bahia. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v.31, n.3, p.3-102, jul/set.1969.

RIOS, Cristina. Juta e sisal substituem os sintéticos nos carros. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 22 out.2001. p.A-7.

SANTOS, Edinusia Moreira C. *A sociedade civil e a (re)organização espacial no semi-árido baiano: o caso da APAEB-Valente*. Feira de Santana: UEFS, jan.2000. (Monografia de Especialização em Geografia do Semi-Árido Brasileiro).

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e; SILVA, Barbara-Christine Nentwig; LEÃO, S. de Oliveira. *O subsistema urbano-regional de Feira de Santana*. Recife: SUDENE, 1985.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. *Sociedade civil e participação cidadã no poder local*. Salvador: Pró-Reitoria de Extensão da UFBA, 2000.

Nota: os autores agradecem o apoio recebido do Sr. Ranúcio Santos Cunha, Coordenador do Departamento de Desenvolvimento Comunitário da APAEB / Valente.

JÁ SAÍRAM

OS CADERNOS DE ANÁLISE REGIONAL:

AGRICULTURA, INDÚSTRIA, COMÉRCIO,
MINERAÇÃO E TURISMO

LIGUE: (71)
273-8557

MAIS UMA
PUBLICAÇÃO
COM O SELO
UNIFACS

